

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E
LÍNGUAS CLÁSSICAS

ADRIANA GUIMARÃES COSTA

O SINTAGMA NOMINAL NO
PORTUGUÊS APYÃWA (TAPIRAPÉ)

BRASÍLIA

2016

ADRIANA GUIMARÃES COSTA

O SINTAGMA NOMINAL NO
PORTUGUÊS APYÃWA (TAPIRAPÉ)

Trabalho de pesquisa apresentado à
Universidade de Brasília como um dos
requisitos para conclusão do curso de
Letras – Português.

ORIENTADORA

Professora Dra. Walkíria Neiva Praça.

Brasília

2016

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar aspectos da variante étnica do Português Apyãwa, mais especificamente, a concordância de gênero, número e regência no sintagma nominal desse Português de contato. O método utilizado foi o descritivo-analítico e os dados foram coletados em páginas do *facebook* de seis falantes do Apyãwa que se utilizam do Português como segunda língua. Os informantes possuem nível superior de escolaridade ou ainda estão no curso de graduação. Até o momento atual da pesquisa, observou-se que a formação de concordância de gênero, número e a regência no sintagma nominal na variante étnica do Português Apyãwa obedece, primeiramente, a um critério internalizado, em especial, quando se trata de uma mídia informal como é o *facebook*. Portanto, há que se considerar o entrelaçamento com a primeira língua (L1) e a constatação mais óbvia no caso do Português Apyãwa é que as marcações de gênero, plural e regência nominal que não atendem às normas do Português podem também não ter amparo nos universais de contato, mas apenas se trate de uma constituição alternativa que se encaixe no raciocínio do falante, quando a L1 não oferece um mecanismo associativo.

Palavras-chave: Português Apyãwa. Sintagma Nominal. Variações.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze aspects of the ethnic variant of the Portuguese Apyãwa, more specifically, gender and number agreements, as much as regency in the noun phrase of this contact Portuguese. The descriptive-analytical method was the chosen one and all data were collected from facebook pages of six natives of the Apyãwa (Tapirapé) community with graduated education level or still in progress. Until now, it could be perceived that the formation of gender and number agreements and regency in the noun phrase in the ethnic variant of Portuguese Apyãwa obeys, at first, an internalized criterion, especially when it comes to an informal media such as facebook. Therefore, it should be considered the interlacing with L1 and the most obvious finding in the case of Apyãwa Portuguese is that gender, plural and nominal regency markings that do not meet the Portuguese standards, may not be substantiated in contact universals, but only a random constitution when L1 does not provide an associative mechanism.

Key-words: Apyãwa Portuguese. Noun Phrase. Variations.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	05
II. REVISÃO DA LITERATURA.....	07
III. METODOLOGIA.....	14
IV. ANÁLISE DOS DADOS.....	14
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
VI. BIBLIOGRAFIA.....	19
APÊNDICE.....	22
ANEXOS.....	28

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar aspectos da variante étnica do Português Apyãwa¹. Com ênfase no sintagma nominal, a análise se fundamenta nos fenômenos relacionados à concordância de gênero e número e à regência nominal. Nesse sentido, apresenta-se como justificativa a relevância do estudo das formas observadas no entrelaçamento da primeira língua² (Apyãwa) e da segunda língua³ (Português) no universo bilíngue do povo Apyãwa, com diferentes graus de domínio da segunda língua por parte de jovens e adultos.

O Português Apyãwa caracteriza-se, especialmente, como um veículo de comunicação com a sociedade nacional e é uma língua de interação entre indígenas de distintas origens étnico-linguísticas. Esse Português encontra-se referendado no RCN indígena (1998), no qual se destaca que o direito à educação escolar diferenciada é uma forma de valorização à identidade indígena e está disposto nas diretrizes curriculares nacionais para educação escolar indígena, contando com todos os requisitos da educação escolar básica, educação especial, de jovens e adultos, técnico-profissionalizante, projeto político-pedagógico, formação de professores, *currículum* de educação escolar, avaliação e ação colaborativa para a garantia da educação escolar indígena (DCN, 2012, p. 377 -402). Dessa forma, o RCN indígena reúne os fundamentos históricos, antropológicos, políticos e legais da proposta de educação escolar indígena.

Assim, para efeito de elaboração deste trabalho, buscou-se estudar a história, costumes e cultura do povo Apyãwa, com a finalidade de relacionar a L1 com o Português Apyãwa. Os relatos, que fazem parte dessa memória histórica, mostram a trajetória sofrida desse povo perto de ser dizimado no final da década de quarenta, segundo Paula (2012, p. 25-27). O primeiro contato com os membros da nossa sociedade ocorreu por volta de 1910,

¹ O povo Apyãwa recebeu o nome de Tapirapé dos não índios; entretanto, atualmente, como um movimento de resistência e resgate à sua identidade, autodenominam-se Apyãwa e assim serão referidos neste trabalho.

² Doravante L1.

³ Doravante L2.

quando se estabeleceram na região da serra do Urubu Branco (nordeste do Mato Grosso). A transmissão de doenças infectocontagiosas pelos não índios foi um dos fatores para a redução de sua população. Da mesma forma, dispõe Praça (2007, p. 1-5), um ataque pelo grupo guerreiro inimigo Kayapó Metuktire abalou profundamente os Apyãwa, que tiveram sua aldeia saqueada, algumas casas queimadas, três mulheres mortas e crianças raptadas. Em busca de socorro, abandonaram a aldeia e se refugiaram no Posto de Proteção aos Índios e também sob a proteção do Sr. Lúcio da Luz, próspero fazendeiro da região.

Desanimados e apáticos, diz a autora (op. Cit.) foram persuadidos pelo Chefe do Serviço de Proteção ao Índio (S.P.I.), Valentim Gomes, e pelos Dominicanos a formarem uma aldeia perto do posto do S.P.I. Há que se mencionar o importante auxílio prestado pelas Irmãzinhas de Jesus, freiras da fraternidade Foucauld, cujo trabalho começou no Brasil em junho de 1952 e colaborou, singularmente, com o resgate da identidade Apyãwa, de suas terras e com processo de recuperação populacional.

As interações com os não indígenas aconteciam e ainda acontecem em Português, considerada a língua de prestígio nessa relação. É preciso salientar que o contato se deu e ainda se dá dessa forma, porque não há qualquer interesse por parte dos não índios de aprender a língua indígena. Porém, com relação aos Apyãwa, pode-se dizer que o contato com funcionários da FUNASA e da FUNAI, para citar alguns exemplos, intensificou o uso da segunda língua. Deve-se esclarecer, ainda, que apesar de não violentos, os Apyãwa são modelos de resistência e lutam para preservar seu povo, suas tradições culturais, suas terras e sua língua.

A proposta desta pesquisa, portanto, é analisar o quanto da estrutura da língua Apyãwa é transferido para o Português falado pelos Apyãwa nos casos de concordância de gênero, número e regência nominal. Há que se considerar que na língua Apyãwa não há marcação de gênero no sintagma nominal⁴, nem há presença de artigos. Além disso, sua regência nominal difere, sobremaneira, da do Português. Destaque-se, também, que a ideia de plural pode ser

⁴ Embora exista a distinção de gênero humano.

expressa pelo sufixo {-kwer} (-kwer ~ -wer) (1) 'grupo', pela reduplicação (2) e pela partícula agỹ (3) 'plural', como nos exemplos de Praça (2007, p. 61-63) a seguir:

- (1) akoma'e-kwer-a a-a i-ãpy-wo ka-ø
homem-GRUP-REFER 3.I-ir 3.II-queimar-GER roça-REFER⁵
"os homens estão indo para queimar roça."
- (2) ãxe'i rãka ã-pyyk ma'e-ma'e-ø confresa-pe
ontem PAS.REC 1sg.I-pegar IND-REDUP-REFER Confresa-LOC
"ontem eu comprei muitas coisas em Confresa."
- (3) miãr-ã= agỹ -ø mĩ a-'o xõ-ø
veado-REFER=PL-REFER HAB 3.I-ingerir capim-REFER
"os veados sempre comem capim."

Dessa forma, pretende-se investigar a construção da concordância de gênero, número e a realização da regência nominal no sintagma. Ressalte-se, por fim, que mesmo que os exemplos tenham sido retirados de postagens do facebook e, portanto, tratem-se de linguagem informal, o fenômeno em estudo pode ocorrer por transferência da L1 e L2.

II. REVISÃO DA LITERATURA

Tarallo (1994) dispõe que *"em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação"* e explica que a essas formas dá-se o nome de "variantes". O autor diz, portanto, que "variantes linguísticas" são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto. Assim, a marcação de gênero e número no sintagma nominal são exemplos de variável linguística. Entretanto, deve-se apontar que o estudo da variante étnica do Português Apyãwa difere das variantes conhecidas como Português padrão e Português não padrão por apresentar fenômenos próprios de sobreposição da L1 e da L2.

Esta investigação, então, trata do estudo da variante étnica do Português-Apyãwa; dessa forma, as marcas de variação transpostas para a L2

⁵ REFER diz respeito ao 'a' em akoma'e-kwer-a.

(Português Apyãwa) têm base na L1 (língua Apyãwa), cuja identidade acompanha a variação ocorrida na L2. Além da concordância nominal de gênero e número, estudou-se a variação na regência nominal, que consiste na relação entre um nome, seja ele substantivo, adjetivo ou advérbio, e seu complemento nominal com a intervenção de uma preposição, conforme dispõem Cunha e Cintra, (2013, p. 153 e 154). Os autores apresentam alguns exemplos de V. Nemésio, Machado de Assis e Fernando Pessoa com o complemento nominal representado por substantivo, pronome, numeral, palavra ou expressão substantivada ou oração completiva nominal, conforme exposto a seguir:

(4) Substantivo:

O pior é a demora **do vapor**. (V. Nemésio, *MTC*, 361).

(5) Pronome:

Tinha nojo **de si mesma**. (Machado de Assis, *OC*, I,487).

(6) Numeral:

A vida dele era necessária **a ambas**. (Machado de Assis, *OC*, I, 393).

(7) Palavra ou expressão substantivada:

Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, **de um Além**. (Fernando Pessoa, *Op*, 392).

(8) Oração completiva nominal:

Estou com vontade **de suprimir este capítulo**. (Machado de Assis, *OC*, I, 509).

Destaque-se, também, que os autores, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2013, p. 284), apontam os seguintes aspectos com relação à concordância:

o adjetivo varia em gênero e número de acordo com o gênero e número do substantivo ao qual se refere. É por essa correspondência de flexões que os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase.

Um dos exemplos oferecidos pelos autores é o de Fernando Pessoa (*OP*, 17):

(9) Disse o **monstrengo**, e rodou três vezes,

Três vezes rodou **imundo e grosso**...

Ressalte-se, além disso, que Castilho (2014, p. 273), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, cita Xavier e Mira Mateus (orgs. 1990-1992) no que diz respeito à concordância nominal:

o adjetivo em posição predicativa concorda com o sujeito em gênero e número; o adjetivo em posição atributiva, bem como os determinantes e quantificadores, concordam em gênero e número com o núcleo nominal da construção a que pertencem.

Como não foram fornecidos exemplos, pode-se pensar em algo simples como *as meninas são bonitas* e *as meninas estudiosas terminaram a tarefa* para ilustrar a assertiva.

No que concerne ao gênero, segundo pesquisas realizadas por Rocha (1998, p. 196) 95,5% dos referentes são não sexuados como é o caso de *edifício* e *caneta*, mas possuem determinantes que lhes identificam o gênero como em '*o edifício*' (que sempre terá o gênero masculino) e '*a caneta*' (que sempre terá o gênero feminino). Os outros 4,5% dizem respeito aos referentes sexuados e Rocha os divide em substantivos com gênero imanente, como é o caso de *criança*, *homem* e *jacaré*; substantivos sem gênero imanente, como em *pianista* e *dentista*, cuja, definição de gênero dependerá do contexto, e os substantivos em que há o acionamento da regra morfológica como em *menino/menina*, *gato/gata*. Nesse sentido, saliente-se que na língua Apyãwa há, somente, distinção entre macho e fêmea.

Com relação à variação do Português padrão (PP) e do Português não padrão (PNP), Bagno (2006, p. 51) aponta que o PP precisa de várias marcas de plural, que modificam diversas classes de palavras como artigo, substantivo e verbo como em "*quero te dar **as lindas flores amarelas** que **brotaram** no meu jardim*", no que se entende por concordância de número. Ao contrário, no PNP, essa quantidade de marcas de plural é uma redundância desnecessária

e que não só existe no PNP, como há regras parecidas no inglês padrão em “*my beautiful yellow **flowers** died yesterday*” (minhas belas flores amarelas morreram ontem).

Nesse sentido, percebe-se que para o PNP a concordância de número é plenamente satisfeita com a marcação no primeiro elemento do sintagma, como em: **as** *menina bonita* e em algumas variantes do PNP falado, ouvem-se construções como: **quis** *menina bonita* (que meninas bonitas).

Ferreira (2005, p. 12) em sua *Descrição de Aspectos da Variante Étnica Usada Pelos Parkatêjê* alerta que, quanto ao gênero, o grupo de falantes estudado usa a mesma palavra com diferentes gêneros em diferentes momentos, mas no mesmo segmento de fala, tendendo para uma generalização da forma masculina.

(10) Português falado: ... porque **o comida** do *Kupê* tá aparecenu muito doente... **A cumida** do indo dexô separadu...

Lucchesi e Macedo (1997), também, tomaram o Português de contato do Alto Xingu como objeto de estudo e abordaram os mecanismos de concordância de gênero de acordo com os pressupostos da teoria variacionista. Eles observaram a maneira como as ocorrências de mudança naquela variedade se aproximavam das regras de concordância do Português padrão, mas reconheceram a existência de considerável variação no uso dessa regra. Lucchesi e Macedo (1997) comprovaram o uso da forma neutra *tudo* como marcador de plural no Português de contato do Alto Xingu. Tal uso favorece a falta de concordância de gênero. No exemplo a seguir, coletado pelos autores, pode-se observar, ainda, a ausência de regência com relação à omissão da preposição *com*:

(11) Acho que eu sempre fala **tudo** pessoa (Ptg. ‘Acho que sempre falo com (todas) as pessoas’).

Emmerich (1991, p. 68), do mesmo modo, já havia constatado em sua pesquisa com o Português de contato do Alto Xingu que a noção de

pluralidade é expressa por meio de termos entendidos como coletivos, como por exemplo: *pessoal, índio, caraíba* e “*a forma mais frequente para indicar o plural é através de expressões com sentido indefinido, como: tudo, todo pessoal, tudo/todo mundo*”.

Com relação ao gênero, Emmerich (1991, p. 69) destaca que “*ocorre no português de contato, incorporação semelhante à da flexão de número*”, por ser marcada de modo ainda bastante variável, havendo predominância do uso da forma masculina.

(12) Ah, **meu irmã, ele** chorô muito. Lembrava meu pai, lembrava **meu mãe. Ele** chorô. Depois **ele** para.

Christino (2015, p. 77-102) apresentou estudo sobre uma primeira descrição da concordância variável de gênero nos sintagmas nominais em Português Huni-Kuin e observou que a generalização do masculino (forma não marcada) não é a única estratégia possível com relação a configurações de marcação de gênero distintas das adotadas pelo falante de L1. Em sua pesquisa, a autora destacou a possibilidade de haver, no terreno dos pronomes possessivos, a representação do gênero de um possuidor humano e, ainda, identificou que estruturas indicativas de que em Português Huni-Kuin, o gênero de um modificador/determinante pode ser estabelecido pelo nome núcleo de um adjunto encaixado. A autora adverte que nesse último caso, cabe supor um processo de transferência de um traço das línguas Pano em que se relacionam a extremidade da direita de uma forma linguística e a expressão de categorias gramaticais fundamentais.

(13) **Esses coisa** de informação não é fácil.

(14) O viadinho cutucô aqui no **meu batata da perna**.

(15) **Os** cura de **remédio** é assim.

Praça (2007, p. 56), em sua tese sobre a *Morfossintaxe da língua Tapirapé*, demonstra as diferenciações entre nome e verbo, o processo de nominalizar o verbo por meio de sufixos nominalizadores e descreve os tipos

de nome (relativos, autônomos e absolutos) lexicais em Tapirapé que, de acordo com suas características morfossintáticas, podem ou não se combinar com uma expressão referencial. Nesse sentido, é interessante salientar que no que tange aos nomes relativos, por exemplo, há uma relação intrínseca mantida com uma expressão referencial, que é o seu complemento adnominal obrigatório porque não ocorrem sem marcadores pessoais ou sintagmas nominais que os modificam. Ressalte-se que na língua Apyãwa, o núcleo do sintagma nominal se localiza sempre à direita. No caso do Português, navega-se entre as duas alternativas como em *'meu filho'* (direita) e *'filho de Joana'* (esquerda).

- (16) xãwãr-a **ø-memyr-a**⁶ i-ãrõãrõ-'i
cachorro-REFER R-filho-REFER 3.II-ser.belo-ATE
"o filhote da cachorra é bonitinho."

Os nomes autônomos, segundo Praça (2007, p. 59) podem admitir uma expressão referencial como complemento adnominal; contudo, ao contrário dos nomes relativos, sua ocorrência não é sistematicamente obrigatória. A autora indica que quando há uma expressão referencial que modifica o nome, verifica-se uma construção genitiva similar à dos nomes relativos em que há a presença do possuidor e informa que os nomes autônomos são conhecidos na literatura sobre a família Tuí-Guarani (cit. Rodrigues, 1996; Seki, 2001 e Borges, 2006) por "nomes alienavelmente possuídos".

- (17) xe=r-opy-ø a-ãpa-kãto **w-o'yw-a**
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-fazer-APREC 3.III-flecha-REFER
"meu pai faz bem a flecha dele."

Caso contrário, não apresenta possuidor como no exemplo seguinte:

- (18) **o'yw-a** a-pen
flecha-REFER 3.I-quebrar
"a flecha quebrou."

⁶ Filho do ego feminino = filhote da cachorra. Núcleo sempre à direita.

para o aspecto importante acerca da inclusão da comunidade Apyãwa no que se refere à construção do ensino da L2 no âmbito escolar.

III. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada com base em Gramáticas Tradicionais, no que concerne ao Português padrão, em Gramáticas Descritivas, no que diz respeito às variações linguísticas, visto que a língua é viva e não um organismo estanque, e com relação a aspectos morfossintáticos da língua Apyãwa no entrelaçamento com a variante étnica do Português de contato usado por essa comunidade indígena. Utilizou-se o método descritivo-analítico e os dados foram coletados de páginas do *facebook* de 6 (seis) nativos da comunidade Apyãwa (Tapirapé) com nível superior de escolaridade ou que ainda estão no curso de graduação.

IV. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta análise de dados, pretende-se descrever e demonstrar os processos de construção da variante étnica do Português Apyãwa com relação ao sintagma nominal.

Observam-se, nos exemplos a seguir, algumas tentativas de concordância de gênero:

(20) “**O time feminina** tapirapé bateu **o time feminina** macaúba **no temporada** em santa Terezinha mt parabéns, uma boa notícia q eu vi. continue assim jogando”.

(21) “Agente fica sempre junto torcendo **a nossa time feminino**”.

(22) “**Time feminina. Time nova e uniforme nova**”.

(23) “Minhas filhas, **meus maiores tesouras**”.

(24) “Que **dia mais lenta**”.

(25) “Em 2013 **n** primeira etapa **d** curso **d** educação intercul...”

Em (20) há concordância do artigo com o substantivo; contudo, a ausência de concordância com o adjetivo pode ser explicada pelo fato de a palavra em si remeter a ideia de “gênero feminino” e, assim, o informante optou por manter a palavra com a terminação em “a”, adequando-a ao que imaginou ser seu gênero. Deve-se considerar, ainda, que na L1, o núcleo do sintagma está sempre à direita e uma das análises possíveis remete a uma provável relação com o núcleo. Já em (21) a composição parece mais aleatória; entretanto, sabendo-se que a informante é mulher, imagina-se que ela tenha concordado o artigo e o possessivo com o próprio gênero e o substantivo e o adjetivo com o gênero masculino a que pertencem. Em (22), o que se observa é que a concordância se dá inteiramente pela presença da palavra *feminina* que induz o uso do gênero feminino em todo sintagma. Saliente-se, mais uma vez, que a L1 faz distinção de gênero humano e nesse modo associativo, pode-se imaginar que é o que o informante está fazendo. Em (23), vê-se a concordância de *tesouras* com *minhas filhas*, mas se mantém *meus maiores* na forma masculina. Pode-se entender que o possessivo *meu* foi utilizado para concordar com o gênero do informante e o restante, com o gênero das filhas. Em (24), nota-se que a concordância de *lenta* é feita com *dia* porque o substantivo termina em “a”. E, por fim, no exemplo (25), pode-se perceber um fenômeno peculiar ao uso de linguagem informal de uma rede social como o facebook, que permite a abreviação de palavras, aliado ao fato de que o informante poderia não saber como fazer a concordância, o que não deixa de ser uma saída criativa nessa mídia. É interessante, ainda, chamar atenção para o fato de que somente um dos informantes usou tal recurso.

Em seguida, apresentam-se exemplos de constituição de plural no sintagma nominal:

(26) “**Desmatamento faz tudo a máquina**”.

(27) “Bom dia, **galeras!**”

(28) “**Meu alunos** está fazendo apresentação para as de classe”.

(29) “Olá galera, **os academico** da UFG chegando hoje da caçada. Matamos **27 porção** por **um dias**... Voltamos com muito satisfeito...”

Em (26), nota-se que o uso de *tudo* na formação de plural é comum nas variantes étnicas do Português de contato, conforme mencionado na revisão de leitura. Com relação ao exemplo (27), percebe-se que o acréscimo do 's' foi motivado pela tentativa de concordar o plural com a semântica da palavra *galera*, que é entendida como um grupo de pessoas nesse caso. Pode-se imaginar, ainda, que o informante marcou o plural em *galeras* por considerar o sintagma o núcleo (que na L1 está sempre à direita). Já em (28), a marcação foi feita apenas no núcleo do sintagma nominal, que está à direita, mas é preciso destacar que na L1 o núcleo concorda, mas o determinante não. Por exemplo, *xe* é um determinante singular de 1ª pessoa, mas acrescido de vocábulos que podem significar tanto *filho* quanto *filhos*. Por fim, em (29) verifica-se que a marcação no primeiro segmento, é feita no determinante, como acontece com variantes do Português não padrão; no segundo segmento, a concordância é feita com o uso do numeral e no terceiro a marcação de plural ocorre somente no substantivo, o que remete à questão do núcleo à direita sempre marcado na L1.

Por último, foram dispostos dois exemplos referentes à composição da regência nominal:

(30) “Embelezando **de acordo o estilo tradicionais**. Nós Apyãwa ficamos bonitos originalmente”.

(31) “**Nada melhor de** jogar bola no fim de semana”.

Em (30), a percepção da regência sem a preposição *com* reforça uma característica da língua Apyãwa, isto é, a ausência de preposição na L1⁸ se sobrepõe à constituição da regência na formação do Português Apyãwa. Em (31), percebe-se a tentativa de uso de preposição para compor a regência.

Há que se ressaltar, também, *posts* que mesclam a ausência de concordância de gênero, número e regência de uma só vez como em:

(32) “**Senhores meu parentes**, já que o presidente interino, michel teme, não quer providenciar **essa problema com mais rápido**... Não fique medo, já

⁸ Na Língua Apyãwa (L1) não há preposições, mas há posposições.

chega ver a situação dos nossos parentes e depois nos vamos mostrar a nossa luta na camara do deputado”.

O possessivo *meu* não foi marcado no plural no primeiro segmento em negrito talvez porque o determinante se refira ao informante e ele é apenas uma pessoa ou pode-se inferir, ainda, que como na L1 o determinante não recebe marcação de plural, assim o informante transfere para o Português Apyãwa o mesmo raciocínio que usa para compor o sintagma nominal da L1. Já *parentes*, além de serem vários, representa o núcleo à direita que recebe a marcação, conforme acontece na Língua Apyãwa. A marcação de gênero no segmento seguinte em ‘*essa problema*’ se deve ao fato de que o substantivo *problema* termina com a letra ‘a’, assim sendo, o informante presume que o vocábulo seja feminino e faz a concordância com o demonstrativo dessa forma. O uso de ‘com’ na tentativa de fazer a regência pode indicar que o informante está tentando reproduzir a regência do Português.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, entende-se que mesmo com um nível superior de escolaridade, a formação de concordância de gênero, número e a regência no sintagma nominal na variante étnica do Português Apyãwa obedece, primeiramente, a um critério internalizado, em especial, quando se trata de uma mídia informal como é o *facebook*. A escolha dessa mídia se justifica, exatamente, pelo tom de informalidade, uma vez que não existe qualquer forma de monitoramento acadêmico. No futuro, pretende-se avançar nas pesquisas, analisando textos formais com o intuito de se verificar se o mesmo enfoque se mantém. No estudo atual, como os informantes se utilizaram dessa escrita informal do Português de contato para expressar suas ideias e sentimentos nessa rede, sem a preocupação com a escrita formal exigida pela norma padrão, foram extraídos os dados elencados neste trabalho e analisados com intuito de examinar o entrelaçamento da L1 e da L2 de forma inconsciente por parte dos informantes.

É preciso dizer que foram constatadas algumas estratégias de marcação de gênero e número, bem como a tentativa de constituição de regência no sintagma nominal na escrita informal do Português Apyãwa em consonância com princípios relevantes do Português Brasileiro como, por exemplo, a realização do gênero feminino por meio do uso da letra “a” no final da palavra como em *festa e turma* e, do gênero masculino, por meio do uso da letra “o” no final da palavra como em *momento e processo*. A complicação se dá quando a palavra é masculina e termina em “a”, como é o caso de *problema* e foi apresentada no exemplo como *uma problema*. O mesmo aconteceu com palavras terminadas em “e” como em *time* e *uniforme*. O informante, simplesmente, optou por concordar todas com o gênero de uma das palavras do sintagma (*feminina*) e no exemplo a concordância ficou: *Time feminina. Time nova e uniforme nova*. Nesse sentido, deve-se observar a marcação do núcleo à direita como transferência da L1.

Para finalizar, cabe salientar que a situação do Português Apyãwa não é estanque. As línguas se modificam conforme a necessidade e criatividade do falante e o mesmo se dá com relação a esse Português de contato, obviamente, considerando-se o contexto em que essa comunidade vive e as leituras de mundo que faz, explicando-se, assim, a diferença das variações do Português não padrão (PNP). No PNP, muitas vezes o que se consideram “erros” têm explicações linguísticas lógicas, como a eliminação das marcas de plural redundantes (Bagno, 2006, p. 47). No Português de contato, há que se considerar o entrelaçamento com a L1 e a constatação mais óbvia no caso do Português Apyãwa é que as marcações de gênero, plural e regência nominal que não atendem às normas do Português podem também não ter amparo nos universais de contato, mas apenas se trate de uma constituição alternativa que se encaixe no raciocínio do falante, quando a L1 não oferece um mecanismo associativo.

VI. BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRAGA, M. L. e SCHERRE, M. M. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: *Encontro nacional de linguística*, Rio de Janeiro: PUC. 1976, p. 464-477.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHRISTINO, B. *Gender agreement in Huni-Kuin Portuguese noun phrases. Concordância de gênero em sintagmas nominais do Português Huni-Kuin*. São Paulo: PAPIA, 25(1), p. 77-102, 2015.

_____. e LIMA e SILVA, M. *Concordância verbal e nominal na escrita em português-Laingang*. Papiá 22(2), p. 415-428, 2012.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DA SILVA, F. C. A construção de identidades negras em meio a padrões brancos de beleza. In: *Revista Discursos Contemporâneos em Estudo*. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Pesquisa em Análise do Discurso Crítica. Vol. 1, n. 1, 2011.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. Parecer CNE/CEB, nº 12/2012, p. 377-402.

EMMERICH, Charlotte. *O português de contato no parque indígena do Xingu*. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP). Viagens no português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. N. 5/6; p. 53-71, dez. de 1991.

FERREIRA, M. *Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parketêjê*. Delta 21(1): 1-21, 2005.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LEMOS, D. M. *A concordância de número no sintagma nominal na dala dos estudantes da rede pública de ensino de Santo Antônio de Jesus-BA*. BA: Universidade do Estado da Bahia, 2010.

LUCCHESI, D. (2001). O tempo aparente e as variáveis sociais. *In: Boletim da ABRALIN*, v.26, p.135-137, Número especial.

_____. e ARAÚJO, S. A teoria da variação linguística. *In: Projeto vertentes*. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica>. Acesso em 19 de junho de 2016.

_____. e MACEDO, A. *A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu*. *Papia* 9: 20-23, 1997.

MOLLICA, C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In: MOLLICA, C., BRAGA, M. L. (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9-14.

NETO, M. G. *Construindo interpretações para as entrelinhas: cosmologia e identidade étnica nos textos escritos em português, como segunda língua, por alunos indígenas Tapirapé*. Dissertação de mestrado apresentada à UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005.

_____. *As representações dos Tapirapé sobre sua escola e as línguas faladas na aldeia: implicações para a formação de professores*. Tese de doutoramento apresentada à UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2009.

OLIVEIRA, R. C. *Caminhos da identidade*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

PAULA, E. D. *Eventos de fala entre os Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da etnossintaxe: singularidade em textos orais e escritos*. Tese de doutoramento apresentada à UFG – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2012.

PRAÇA, W. N. *Morfossintaxe da língua Tapirapé (família Tupi-Guarani)*. Tese de doutoramento apresentada à UnB – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 196.

SCHERRE, M. M. *Padrões sociolinguísticos – análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

_____. *Sobre a leitura dos dados linguísticos*. In: *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro. Tese de Doutorado, 1988

_____. E NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettlogia, geolingüística, sociolinguística* (Att-del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, 1998.

SILVA, R. V. M. *Sete estudos sobre o português Kamayurá*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA. 1988.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática S. A., 1994.

VIEIRA, J. A. e BENTO, A. L. *Discurso, identidade e gênero*. Brasília: Editora Movimento, 2015.

WEINREICH, W, LABOV, W. e HERZOG, M. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press:, 1968, p: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*]. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

XAVIER, M. F e MIRA MATEUS, M. H (orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos/Associação Portuguesa de Linguística/Instituto de Linguística Teórica e Computacional, 2 volumes, 1990-1992.

APÊNDICE

Composto por 80 dados coletados do *facebook* de 6 informantes graduados ou cursando a graduação. (Vide Abreviaturas no ANEXO B)

G: “**O time feminina tapirapé** bateu **o time feminina** macauba **no temporada** em santa terezinha mt. parabéns, uma boa notícia q eu vi. continue assim jogando”. (A)

G: “**O processo próprio de aprendizagem** ai é **viva** na comunidade”. (A)

G: “Agente fica sempre junto torcendo **a nossa time feminino**”. (B)

G: “**As lembranças** que jamais serão **esquecidos** pelos professores Apyãwa tapirapé”. (A)

R: “Vamos defender **a metade (que) nos resta**”. (A)

G: “Não ha **sujeitos iletradas**, mesmo que as crianças ainda não sejam alfabetizadas na escola para aprender ler e escrever”. (C)

G: “**EDUCAÇÃO INTERCULTURAL DA UFG É O NOSSO MAIOR FELICIDADE**”. (C)

G: “**Minhas filhas, meus maiores tesouras**”. (C)

G: “Ai que inveja! **Fotos lindos**”. // “Eu e **duas fotos** de máscara”. (C)

G: “Explicar o nosso sentimento e alegria também **a linguagem ela é completo** para povo Apyãwa está presente nela arte canto mito”. (C)

N: “Bom dia, **galeras!**” (B)

R/N: “Embelezando **de acordo o estilo tradicionais**. Nós Apyãwa ficamos bonitos originalmente”.(D)

G: “**O ritual mais animada**”. (D)

G: “Que **dia mais lenta**”. (C)

G: “Imagem pura **do nosso raiz tradicional**”. (C)

G: “Estilo original **de** moçada Apyãwa”. (moçada = plural). (A)

N: “Desmatamento faz **tudo** a máquina”. (A)

R/G: “Isso foi **o momento de alegre**”. (A)

G: “**Obrigada** aceitar meu pedido de amizade **gatinha**”. (C).

R: “**Nada melhor de** jogar bola no fim de semana”. (D)

G: “Partindo **para** rodoviária, **de** rodoviária direto para Confresa-MT”. (D)

N: “Eu e **meus amigo** tomando um com...” (um = cachaça). (D)

G: “**A festa** vai ser **muito irado**”. (D)

G: “**Esse livro** vai ser **boa** trabalha com os alunos”. (D)

N: “**Meu alunos** está fazendo apresentação para as de classe”. (D)

G: “**Esse meu foto** é especial p vcs gatinhas”. (D)

N: “Pela manhã na despedida me emocionei muito da minha colega e dos parceiros que tiveram comigo **durantes** estudo. (D)

G: “Boa noite, nesse momento estou passando **muito febre**” (D)

N/R: “Depois de **muita horas** de viagem, estou chegando em Goiânia. Que **cansativo de mais conta**”. (D)

N/G: “Hoje estou me despedindo **das minha familiares**”. (D)

G: “Não resolvi nada **do questão indígena**”. (C)

G: “Perdemos **um biblioteca completo**”. (C)

G/N: “Preocupação enorme, **uma grande conhecedores da cosmologia Apyãwa**, com **estado de saúde cada vez mais graves**, com **a esperanças** de se recuperar”. (D)

N/R/G: “**No dias** 22 de março recebemos **uma notícia delicada e tristeza**. **A minha familiares** começou ficar no **desesperos, todos** ficaram **sem sonos**, pedindo e horando para Deus ajudar-se a recuperar. Mas **no segundo ligação** recebemos uma notícia que ninguém esperava”. (D)

N: “**Todos mundos enfeitados** nesse dia”. (D)

G/N: “Com **imenso felicidade**, que hj teve festa de Iraxão e **todos mundos** está **pintado**”. (D)

N: “**Bom fins de semana** para vcs amigos (as)”. (D)

G: “Quero agradecer com carinho as pessoas que foi assistir **o nosso apresentação**”. (D)

N: “**Até próprio entre indígena** pode fazer preconceito com outro” (*até os próprios indígenas têm preconceito com os outros – até mesmo entre os indígenas*). (D)

G: “Meu sonho realizar e terminar **o meu faculdade**, sem nenhuma atrapalhação de ninguém”. (E)

N: “Passando vergonha porque **os times masculino** Tapirapé nenhuma partida ganhou”. (E)

N: “Olá galera, **os academico** da UFG chegando hoje da caçada. Matamos **27 porção** por **um dias...** Voltamos com muito satisfeito...” (E)

G: “Depois de **muito saudade**”. (D)

G: “Ele está com **saúde gravíssimo**”. (D)

G: “**Último semana** para voltar na minha aldeia”. (D)

N: “**No dias dos pais** ficou **longe dos meu pai**”. (D)

G/R: “Quando fico com saudade crio **um sua imagem do meu pensamento** para matar sua saudade”. (D)

R/G: “Cuidado pessoal, **tem gente fazendo fofoca a minha pessoa está prejudicado**. Fique atento”. (D)

G: “Foi **um fofoca** qe está saindo”. (D)

R/G: “**Este tanto de** foi **abatida** com flecha”. (D)

N: “Em Brasília lutando **pelos direito indígena**”. (E)

N: “**Eu e meu aluna(o)s** fazendo o meu trabalho d estágio...” (D)

G: “Em 2013 **n** primeira etapa **d** curso **d** educação intercul..” (F)

G: “Passeio **n** feira”. (F)

G: “Tirando fotos **n** penúltimo dia **d** aula **de** língua portuguesa intercultural VII com a professora Rodriana..turma 2013”. (F)

G: “**Essa turma é muito animado!**” (D)

G: “Acadêmico da ufg da turma de 2013 **da ciência d natureza**”. (E)

N: “Eu e **meu alunos**”. (D)

N/G: “**Este fotos** foi **registrado** na aula de campo do infantil, os alunos gostaram muito essa aula de campo, eles, elas pediram para fazerem a aula de campo”. (D)

G: “Eu com xará só contido (*curtindo*) a vida **no aldeia**”. (E)

G: “Campeão **no aldeia**”. (E)

G: “Só **galera louco** td d bom curtindo praia”. (E)

N: “Iaí tapiri tá todo bom, que bom qui você aceitou o meu facebook, eu quero saber também **a temporadas**, como foi abertura, foi bom ou não, então é só isso”. (C)

N: “Eu talvez não tenho **muito amigos**, mas os que eu tenho são melhores que alguém poderia ter”. (D)

R: “Pensando **na quilo** que deixei de passar sem pessoas de nem me despedir direito pessoas que não saberão me dizer adeus e faria tudo para tê-lo comigo outra vez”. (E)

G: “**As menina** pira quando agente no camiu (*caminho*) delas”. (E)

N: “**Bons momento** como esse nunca se esquece... saudade”. (E)

G: “Foi **muito bom orientação**, mt discursao, mas esclarecimento sobre trabalhos”. (E)

G: “Todo mundo sabe que ela é **toa** (tua) filha”. (E)

G: “**Time feminina. Time nova e uniforme nova**”. (E)

G: “Na aldeia acontecerá o torneio de **futebol masculina** e feminina, a preparação para campeonato minicípio de Confresa”. (E)

N: “**Dois par** de chuteira cano alto”. (E)

G/N: “**Povo Brasileiro e Brasileira.** Estamos muito parada.

“Acontecia **vários movimento**”. (E)

N/G/R: “**Senhores meu parentes**, já que o presidente interino, michel teme, não quer providenciar **essa problema com mais rápido**... Não fique medo, já chega ver a situação dos nossos parentes e depois nos vamos mostrar a nossa luta na camara do deputado”. (E)

R/G: “Deu **todo certo a exame e consulta** da minha filha”. (E)

G: “Foi **um oportunidade** de conhecer o estado”. (E)

N: “Dentro da Terra indígena entrou **dói (dois) homem** para garimpar”. (E)

G: “Hoje faleceu grande líder. Tomóteo deixou **seu história**”. (E)

G: “Aprender **esse matemática**”. (E)

G: “As pessoas que acham que **a vida indígena é tranquilo**, mas não é. **O nome da instituição** está **muito bonito**”.(E)

ANEXO A

http://www.hermanitasdejesus.org/brasil/brasil_nuestra_historia.htm

ANEXO B (Abreviaturas do Apêndice)

A: informante A (homem)

B: Informante B (mulher)

C: Informante C (homem)

D: Informante D (homem)

E: Informante E (homem)

F: Informante F (homem)

G: gênero

N: número

R: regência nominal.